

A um médico muito conhecido

Li, estarrecido, a "Carta aberta a um médico desconhecido", assinada pelo Dr. Paulo de Almeida Machado, médico, publicada parcialmente pelo "O Estado de S. Paulo", e na íntegra pelo "Diário Popular" de 23 de dezembro, juntamente com o nome, sobrenome e local de trabalho do "médico desconhecido".

Tomo a liberdade de respondê-la, também em carta aberta, porque o colega, assinando na qualidade apenas de médico, me põe em plano de igualdade, de colega para colega.

Digo estarrecido, pelo vulto da brecha que sua carta, Dr. Almeida Machado, fere em nosso Código de Ética, Código este que rege a conduta de todos os médicos de nosso país.

Preceitua o Código que qualquer acusação, bem fundamentada, deverá ser dirigida sigilosamente ao Conselho Regional, para rigorosa investigação e julgamento, e, só então, eventual punição.

Mas o Dr. Almeida Machado, sozinho e a um só tempo, julga, condena e execralha publicamente o nome do colega (que eu não conheço pessoalmente),

usando apenas seu título de médico.

Não sei se o título de ministro lhe conferiria este direito, mas seguramente o de médico não.

Afirma o Dr. Almeida Machado que o "médico desconhecido" não aplicou como devera a vacina anti-rábica.

Ignora o preclaro colega que tal vacina só é encontrada nos Institutos especializados e não existe em nenhum nosocomio, público ou particular? Ignora que a conduta, em qualquer hospital do país, é encaminhar o paciente mordido por cão, ao Instituto especializado?

Pretendia o colega que o "médico desconhecido" saísse à caça do cão, levasse este e o garoto ao Instituto especializado, lá praticasse os exames histológicos no cérebro do cão e depois aplicasse pessoalmente a vacina?

O Dr. Almeida Machado "não tem dúvida alguma" sobre a culpa do colega. Pergunto, Dr. Almeida Machado, sabe o colega, com certeza, se a mãe do garoto não fora corretamente orientada, e que, por incúria, despreparo, ou simples falta de tempo (é mãe de mais nove filhos)

não tenha deixado de atender à recomendação médica, para não enfrentar a fila do Instituto especializado? E que não tenha voltado à consulta apenas quando dos "sintomas neurológicos discretos"?

Afirma o Dr. Almeida Machado que, então, "sabedor dos antecedentes", deveria o colega ter feito o diagnóstico e ter tomado as providências necessárias.

Teria sido o mesmo médico a atender na segunda vez? Teria a mãe, ou alguém informado sobre o incidente do mês anterior? Quantos garotos terá atendido o colega, durante um mês, para ter de se lembrar daquele garoto?

Creio, sem desrespeito, doutor, que, de tanto lidar com estatísticas, o nobre colega possa ter esquecido como são os doentes, para ter tantas certezas. Certezas só se têm com números, nunca com doentes.

Afirma o Dr. Almeida Machado que o "médico desconhecido" suturou o ferimento, e que isto é um erro.

Como cirurgião desconhecido, com meus vinte e oito anos de pronto-socorro, tomo a liberdade de discordar frontalmente desta opinião, pelo menos

na forma absoluta como foi exposta. Gostaria de saber, a respeito, a opinião da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica.

Afirma ainda o Dr. Almeida Machado que "certamente" o colega "administrou tratamento antibiótico e antitetânico" e que esta atitude é "desconhecida das autoridades internacionais de saúde".

É óbvio que este tratamento não visa a prevenção da hidrofobia mas será que as autoridades internacionais de saúde acreditam que, pelo ferimento produzido pela mordedura de um cão, somente possa penetrar no organismo o vírus da raiva? Ou poderão também por ele penetrar o vibrião do tétano e outros agentes patogênicos?

Volto a discordar frontalmente do colega, apesar das autoridades citadas, e eu aplico, e recomendo que se aplique, tratamento antibiótico e antitetânico em qualquer ferimento, mesmo que produzido por mordedura de cão.

Afirma ainda o Dr. Almeida Machado que o "médico desconhecido certamente nem uma vez pensou na pobre criança", mas que ele, ele sim, perdera o sono.

Isto já não é apenas uma infração ética, mas é uma afronta, uma afronta que atinge a toda a classe.

Teria sido a morte da pobre criança, ou a "Nódoa em Nossa Estatística Epidemiológica", que causou a insônia do nobre colega?

Estivesse um pouco mais ligado ao médico desconhecido, e ao doente desconhecido, saberia o Dr. Almeida Machado que ao médico desconhecido não sobra tempo nem para dormir, quanto mais para ter insônias, no afã desesperado de, às custas de sua própria saúde, tentar corrigir as consequências e os efeitos imediatos ou tardios de um Sistema de Saúde, quando pouco, ineficiente.

Dr. Almeida Machado, o colega tem em mãos as estatísticas. Quantas crianças morrem por dia?, no Brasil, de diarréias, de sarampo, de gripe, de meningite, de analfabetismo dos pais, de água contaminada, de falta de esgotos? Mas estas não tiram seu sono, doutor Paulo de Almeida Machado: tiram o sono de milhares de médicos desconhecidos, mas que conhecem suas

obrigações e suas limitações.

Mas que usam suas noites, além de seus dias, na luta inglória, talvez, mas honesta, pela vida alheia, com os parcias recursos materiais que lhe são fornecidos, e com a, às vezes, deficiente cultura profissional que conseguiram obter.

Que há médicos incompetentes o doutor sabe, eu sei, todos sabem, infelizmente. Mas de quem será a culpa maior? De quem com imenso esforço, tentou obter cultura científica, e falhou, ou de quem deverá ter-lhe fornecido e não o fez? Ou de quem deveria ter conferido os resultados de um ensino falho, e não o fez? Ou de quem lhe conferiu um diploma e o sacramentou com um C.R.M. sem saber o que estava assinando?

Enfim, doutor, sua Carta Aberta é uma justa explosão de revolta pela morte de uma criança, ou é apenas uma tentativa de tapar com a rala peneira de um pobre bode expiatório, o sol claro da tremenda ineficiência do nosso Sistema de Saúde?

Luigi Frankenthal, médico. Capital. Transcrito do "Estado de S. Paulo", dia 27/12/78.